

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XIII

PRESO!...

(Continuação.)

— Acalme-se, Sr. conde, tornou o promotor público; e, sobretudo, eu lhe peço, não me colloque na dolorosa necessidade de empregar a força armada para coagil-o...

— A força armada! repetiu o Sr. de Vezay com espanto.

— Sim, senhor.

— De que força armada falla o senhor?...

— Não viemos aqui sózinhos... a polícia ocupa o castello.

— A polícia!... em minha casa!... como em casa de um ladrão!... oh! meu Deus!... perdido!... deshonrado na minha idade!...

— Está pronto, Sr. conde?

— E, se eu recusar, prosseguiu o velho, o senhor mandará agarrar-me pelos seus polícias... e arrastar-me por elles?...

— Repito-lhe, Sr. conde, que sómente empregarei a força em caso extremo, e acrescento que o meu procedimento, ha mais de uma hora que estou aqui, deveria ter-lh'o provado...

— E' exacto, senhor... tem sido bom para mim... a quem considera como um criminoso... como um assassino... é exacto, e eu lh'o agradeço.

— Não me force, portanto, a arrepender-me dessas atenções que reconhece, não esqueça que, por mais terríveis que pareçam os deveres que desempenho, são todavia deveres imperiosos...

— Bem, senhor... visto que é necessário, eu o acompanho.

— Previno-o, Sr. conde, de que os seus famulos estão reunidos no pateo de honra, onde a polícia os vigia... Se quer evitar todos esses olhares, e se ha uma outra saída além da escada principal e do vestibulo para alcançar os subterraneos funerários, pôde indicar-no-l'o...

— Ha uma outra, sim...

— Teremos necessidade de luz nos subterraneos?

— Sim.

O juiz de instrução fez um signal ao seu escrivão...

Este tirou de cima da chaminé um candelabro de cinco velas, que acendeu todas.

— Vamos, disse o promotor, tomando o braço do Sr. de Vezay, tanto para amparar os passos vacilantes do velho, como para evitar qualquer tentativa de evasão.

O conde fez os seus hóspedes descerem uma escada furtada que conduzia a uma porta da fachada lateral do castello.

Nessa porta, como em todas as outras, estava postada uma sentinelha.

Ao ver a farda e o chapéu agalhado de prata do soldado, o Sr. de Vezay estremeceu dolorosamente.

— Devo acompanhar o Sr. magistrado? perguntou o soldado, avido de emoções.

— Não é necessário, respondeu o promotor.

O conde, o promotor, o juiz de instrução depressa chegaram junto a uma outra porta, pesada e massiça, encimada na ogiva por um escudo brasado.

Alli havia também uma sentinelha.

O Sr. de Vezay parou,

— E' aqui, balbuciou com voz extinta.

XIV

O TUMULO ABERTO

O promotor experimentou sucessivamente as duas chaves.

A ferrugem, porém, de vinte annos havia soldado a lingueta, e a porta não se abriu.

— Experimente, disse o magistrado ao escrivão, entregando-lhe as chaves.

O escrivão desembaraçou-se do candelabro, que

entregou ao soldado, e fez os mais conscientiosos esforços para conseguir um resultado.

Essa perseverança foi coroada de bom exito,— a fechadura rangeu, gemeu, estalou, e acabou por ceder.

A primeira porta estava aberta.

O escrivão,— triumphante,— tomou a dianteira na passagem abobadada.

Mais feliz do que o seu companheiro de armas, o guarda que estava á porta, graças ao candelabro que então empunhava, recebeu ordem do promotor para acompanhá-los.

Não esperou elle que lhe repetissem essa ordem.

Chegaram á segunda porta.

A humidade mais intensa da passagem subterrânea havia dado á ferrugem uma tenacidade e persistencia maiores.

Durante alguns momentos acreditou-se que a chave, meio torcida, se quebraria na fechadura.

Assim não aconteceu, e o escrivão conseguiu levar ao cabo a sua empreza.

Uma baforada de ar humido e frio vergastou o semblante dos homens da justiça e do infeliz conde de Vezay.

Entre elles e os subterrâneos funerarios não havia mais obstaculo.

O promotor tinha tomado novamente o braço do velho, que a custo se sustentava e parecia prestes a perder os sentidos.

— Um pouco de energia, Sr. conde, disse-lhe o magistrado, e venha... o confronto durará apenas um minuto... e voltaremos depois ao ar livre...

A chamma das velas, agitada por uma corrente de ar, espalhava uma claridade vacillante, — ora alumiano vigorosamente os objectos, ora deixando-os na mais completa escuridão.

A' direita distinguia-se vagamente, — á certa distancia, — um monumento de marmore branco, cuja pedra tumular, levantada, se apoiava a um outro tumulo mais alto.

O conde deu alguns passos para aquelle lado.

Depois, estendendo o braço direito, murmurou:

— Eis o tumulo... é aquelle... alli é que está o corpo...

E, cahindo de joelhos, apezar dos esforços do promotor para sustentá-lo de pé, prostrou-se nas lages e poz-se a supplicar a Deus que viesse em seu auxilio e fizesse um milagre, se um milagre fôsse necessario, para salval-o...

Oh! como deve ter sido ardente a supplica desesperada que se escapava daquelle coração crivado de dolorosissimas feridas!...

O promotor fez signal ao soldado para vigiar o preso.

Em seguida, aproximou-se com o juiz do tumulo aberto, designado na denuncia e reconhecido pelo conde.

Os dous magistrados soltaram ao mesmo tempo uma exclamação de surpresa quando transpuzeram os degráos de pedra que lhes permittiam chegar ao nível da abertura do monumento.

E certamente havia motivo para se admirarem...

O tumulo estava vasio!

Nada ocupava o largo espaço deixado livre ao lado do caixão de chumbo, e no qual devêra encontrar-se o cadaver de Armando de Villedieu.

O promotor e o juiz olharam um para o outro.

— E' estranho isto! murmurou o primeiro.

— Pro-di-gi-o-so!... apoiou o segundo, calcando em cada syllaba da palavra.

— Entretanto... é este o tumulo!

— Oh! não ha que enganar!...

— Aqui está o caixão de chumbo de que se falla na accusação...

— E, além disto, este monumento é o unico cuja tampa esteja levantada...

— Que quererá isto dizer?...

Tudo quanto precede tinha sido pronunciado em voz baixa.

Os dous magistrados puzeram-se a reflectir cada um de seu lado, durante alguns minutos.

O promotor foi o primeiro que rompeu o silencio.

— No fim de contas, disse elle no mesmo tom baixo e abafado; no fim de contas isto não prova senão uma cousa... E' que, na previsão do que acontece presentemente, o Sr. de Vezay fez desaparecer o corpo...

O juiz de instrucção meneou a cabeça com ar dubitativo.

— O Sr. promotor me permitte fazer uma humilissima observação? disse elle.

— Sem duvida.

— A sua suposição não me parece admissivel...

— Ah!

— E' evidente, penso eu, que o Sr. de Vezay, bem longe de haver supprimido o cadaver, nenhuma desconfiança tem de que esse cadaver já não está aqui...

— Suppõe!

— Faço mais do que suppor, tenho a certeza.

— Como assim?

— Queira notar, Sr. promotor, que com o cadaver desaparecia toda e qualquer prova... — não restava pretexto algum para a accusação... — O Sr. de Vezay, sabendo que não se encontraria cousa nenhuma aqui, teria negado audaciosamente, — seríamos obrigados a acreditar na sua palavra, — nem o senhor, nem eu, teríamos ousado tomar a responsabilidade de assignar o menor mandado de prisão, e o conde estaria no seu pleno direito de formular contra o seu accusador uma queixa de *denuncia caluniosa*...

— Creio que o senhor tem razão.

(Continua no proximo numero.)

O THESOURO DOS ASSASSINOS

II

O PACTO.

A capella, que era dividida em duas partes por meio de uma gradaria, começava já a ser invadida pela escuridão da noite. O côro reservado para as ceremonias habituas do culto recebia ainda alguma claridade pelas antigas vidraças cobertas de poeira secular, mas a parte especialmente destinada á oração dos fieis achava-se completamente na escuridão. A trêmula luz de uma lampada suspensa em um dos angulos da capella e uma tocha que ardia isolada junto de um altar apenas projectavam ephemera claridade, que confusamente deixava ver a branca imagem da Virgem, alguns quadros que ornavam as paredes e um Christo colossal, cuja cruz elevada como a de um Calvario, quasi que tocava na abobada do templo.

Grandval e o armador, tendo transposto a porta, que se fechou sobre elles com um ruido sinistro, pararam irresolutos. Não distinguiram objecto algum e em presença do silencio que alli reinava julgaram-se sós na ermida.

Momentos depois, destacou-se de um canto um vulto, fazendo-se ao mesmo tempo ouvir no velho pavimento pesados passos, e por fim na esphera luminosa apareceu um joven maritimo de elevada estatura e physionomia sympathica, fazendo signaes mysteriosos a Dupré e Grandval, que reconheceram nelle Miguel Bertomy.

Não comprehendendo os seus gestos, encaminharam-se para o lado do altar, onde o mudo lhes indicou uma mulher vestida de preto, prostrada junto ao ultimo degrão.

Aquella mulher estava da mais completa immobildade e o véo que lhe cobria o rosto cahia até ao chão.

Miguel fez signal aos recem-chegados para se ajoelharem junto della, ao que o capitão logo annuiu, mas Dupré, ou porque não entendesse ou por não se achar penetrado de devoção, ficára extatico, quando o surdo-mudo, com um vigor a que difficilmente se poderia resistir, lhe pousou as mãos sobre os hombros, fazendo-o vergar sobre os joelhos, e em seguida ajoelhou-se tambem junto delle.

Houve então alguns momentos de silencio, durante os quaes se não ouviu mais nada além do sibillar do

vento e do piar das aves nocturnas. Não tardou que a mulher vestida de preto, depois de se haver per signado, se levantasse : todos os mais a imitaram.

Naquelle piedosa creatura devemos ter adivinhado Josephina Bertomy. Era facil reconhecer-a por aquelles vestidos de luto, que nem um só dia deixára de trajar desde a condenação de seu pai, e ainda melhor quando, tendo affastado o véo de crepe, deixou ver o rosto de alabastro e os grandes olhos a scintillarem na penumbra com o seu extraordinario brilho.

Havia naquelle postura um todo solemne.

Depois de saudar com um aceno de cabeça os dous recem-chegados, disse-lhes com voz sonora:

— Agradeço-lhes, meus senhores, a sua condescendencia. Vi-me obrigada a convidal-os para este lugar, primeiro porque, sendo uma desvalida orphã, entendi dever collocar-me sob a salvaguarda da Virgem, minha protectora; segundo, como o pacto que vamos talvez fazer não pôde ser authenticado pelas formalidades da lei, desejava ao menos que elle fôsse sancionado pela presença de Deus, que nos ha de julgar, se algum de nós vier a infringil-o.

O capitão Grandval replicou com a maior simplicidade :

— Deve saber de ha muito, Josephina, que lhe pertenço de corpo e alma; portanto qualquer promessa que eu lhe faça fôra ou dentro de um templo será para mim sagrada.

— Pela minha parte, menina, — acudiu o armador em tom emphatico — sustentarei a minha palavra, seja ella dada aqui ou lá fôra, e creia que desempenharei os meus compromissos.

Eram estas sem duvida as respostas com que Josephina contava, porque, ao ouvir-as, sorriu-se satisfactoriamente, e, assentando-se n'um banco de madeira que estava encostado á parede, fez signal aos dous recem-chegados para se assentarem cada um ao seu lado.

Miguel, depois de correr o ferrolho á porta da capella para que ninguem fôsse interromper a conversaçao, foi encostar-se a um pilar de modo que divisasse bem o rosto de sua irmã, que adorava, e no qual estava habituado a ler os pensamentos e adivinhar as vontades.

Houve um momento de silencio.

Josephina parecia meditar; os seus olhos conservavam um raiar sobrenatural. Grandval e Dupré estavam como aterrados com este silencio misterioso.

Afinal a moça tomou a palavra em tom insinuante.

— Meus senhores, eu e meu irmão concebemos um plano que estamos dispostos a pôr em pratica, embora na sua execuçao tenhamos de perder a vida. Trata-se de proporcionar a fuga de meu pai degradado em Cayenna. Poderemos contar com o apoio de ambos os senhores para esta obra de justa dedicação?

E' provavel que Dupré contasse com esta proposta, porque não revelou a menor surpresa e sem hesitar respondeu affirmativamente.

O capitão mostrou-se espantado e inquieto, dizendo :

— E' esse um plano arrojado e temerario. Tem meditado bem o seu alcance?

— Se tenho! — replicou Josephina entusiasmando-se á medida que ia fallando. — Ha quatro annos que nutro esta idéa, que me persegue dia e noite. «Salva meu pai!» gritam-me mil vezes nos meus sonhos, nas minhas meditações. Tenho consultado a minha consciencia, invocado a Mãe de Deus e os anjos, e tudo me responde: «Salva meu pai!» Ainda ha pouco alli postada sobre aquellas lages interroguei a santa protectora dos afflictos, que me disse ao coração, se não foi aos meus proprios ouvidos: «Salva meu pai!» Como resistirei a tão poderosas inspirações, a tão soberanas ordens? Não me castigaria Deus, decobedecendo-lhe?

Grandval nas suas raras e curtas entrevistas com a sua amiga de infaneia, tivera occasião de notar a viva exaltação com que ella fallava de tudo o que se referia ás desgraças de sua familia; mas agora essa exaltação attingia proporções admiraveis, e por isso elle lhe disse com a mais insinuante brandura:

— Ora pois; tranquillise e veja as cousas razoavelmente. Sem fallarmos agora das impossibilidades materiaes do seu projecto, considere que seu pai foi legitimamente condemnado e que Deus não approvará talvez a sua dedicada deliberação...

— Com que então, Pedro,— interrompeu Josephina em tom de reprehensão — tambem o senhor o julga culpado? Pois eu, quanto mais examino e medito, mais me convenço da sua inocencia. Aquelle perverso Rigaute foi o unico autor do homicidio. Meu pai, fraco e irresoluto, deixou-se illudir por elle, e não só não praticou, mas nem mesmo premeditou tão horrivel crime. Presenciou-o, não o pôde impedir: eis o seu unico delicto. Mas foi injustamente condemnado, bem o sei, estou certa disso. Não duvidaria mesmo tomar o céo por testemunha!

Nenhum delles se atreveu a contestar tão profunda e energica convicção.

Josephina prosseguiu com vehemencia:

— Repito-lhe, Pedro: não ha perigo para a sociedade em se lhe restituir um desgraçado tão cruelmente punido. O seu desvario foi motivado por perfidas suggestões, porém a culpa não foi sua; não foi elle quem derramou o sangue de que se lhe pedem contas, e Deus ha de perdoar-lhe as faltas, de que já está arrependido. Se eu lhes monstrasse as commoventes cartas que me escreve! Com que ternura, com que humildade christã elle me agradece os parcos recursos que lhe envio para adocar a sua horrivel situação!... Restituido á sociedade, tornar-se-ha labrioso e bom, como o fôra antes das suas infelicidades. O que importa é escolher um paiz desconhecido para elle, onde se ignore o seu passado, onde nada lhe tolha as suas tendencias para o bem.

Josephina, notando o olhar inquieto com que Grandval a fixava, calou-se por momentos, e depois continuou:

— O Sr. Pedro julga que endoudeci ou que sou levada por chimericas illusões. Pois bem! vai conhecer os nossos planos, e depois nos dirá se os não considera de facil execucao, de resultado seguro.

Ao mesmo tempo passou a expôr clara e concisamente a serie de combinações pelas quaes esperava chegar ao resultado desejado.

Seu pai, na data das ultimas cartas, achava-se em Cayenna nas penitenciarias fluctuantes. Não obstante a rigorosa vigilancia havida para com os degradados, não parecia impossivel uma evasão, graças a certas informações que se chegaram a obter. Para isso era indispensavel dispôr de um navio, cujo capitão e marinhagem se sujeitassem a uma cega obediencia, o qual navio devia partir para a Guiana Franceza com o pretexto de trazer um carregamento de madeira para marceneria.

Combinar-se-hia com Bertomy a maneira de aproveitar-se o ensejo de elle se introduzir a bordo, e dadas certas circumstancias favoraveis, chegar-se-hia a illudir a vigilancia dos navios do cruzeiro até se alcançar o mar largo.

Então, em vez de voltar á França, onde o condenado podia ser agarrado, conduzil-o-hiam aos Estados Unidos da America, onde, entrado em nova vida, elle certamente se regeneraria por meio do trabalho honesto.

Para a realização de semelhante plano era necessário, como já dissemos, um capitão dedicado, e sobretudo um navio bem tripulado e que se cingisse a limitados interesses commerciaes.

O capitão podia bem ser Pedro Grandval, que amava apaixonadamente Josephina, a qual o suppunha decidido a todos os sacrificios por elle.

Quanto ao navio, era preciso, para o obter, recorrer-se ao armador Dupré, e agora vamos dizer o motivo por que este homem tão interesseiro e até avarento se decidiria a tomar sobre si as despezas exigidas para tal expedição.

Quando o tabellião de Bolbec foi assassinado, devem lembrar-se de que elle era portador, além de uma quantia consideravel, de muitos papeis importantes, de que nunca se descobriu o destino. Entre estes havia o testamento de um tio de Dupré, antigo proprietario daquelles sitios, falecido douis dias depois do assassinato.

Este testamento estabelecia Dupré herdeiro universal de uma fortuna aproximadamente de cem mil escudos, em prejuizo de muitos outros parentes collateraes do falecido; não tendo, porém, aparecido aquelle testamento, e não havendo outro documento que provasse legalmente a disposição testamentaria a favor de Dupré, teve este de sujeitar-se a receber a pequena parte da herança que lhe coube na divisão geral.

(Continua no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quiserem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.